

## 2. O lugar bíblico de Gn 4,1–16

O texto de Gn 4,1–16 encontra-se localizado no bloco Gn 1–11. No *corpus* hebraico, o livro abre-se com a palavra “No Princípio” (בְּרֵאשִׁית), da qual recebe seu nome. Já no cânon cristão recebe o nome de “Gênesis” (“γενέσις” – “origem”) a partir da tradução da Septuaginta (LXX) devido ao seu conteúdo que apresenta, de modo retroativo, a origem do mundo e dos antepassados do povo de Israel, enraizando a história deste povo no contexto da história universal.

### 2.1. O primeiro livro bíblico: organização e conteúdo

O livro do Gênesis é o primeiro livro do primeiro bloco bíblico chamado Pentateuco<sup>1</sup> e é composto por 50 capítulos. Enquanto os outros quatro livros (Ex, Lv, Nm, Dt) apresentam a história de Moisés como guia do povo através do deserto, desde o Egito até a entrada da terra da promessa, Gênesis apresenta as origens do povo hebreu na história patriarcal e universal, por isso, seu conteúdo é, de certo modo, distinto dos outros livros do Pentateuco.

O livro do Gênesis pode ser dividido em duas partes: Gn 1–11,26 (Gn 1–11 por praticidade) nos quais são apresentados os relatos das origens do mundo e, Gn 11,27–50,26 (Gn 12–50, por praticidade) nos quais são apresentados os relatos dos patriarcas, Abraão, Isaac e Jacó, encerrando com a morte de José, filho de Jacó/Israel, no Egito.

Enquanto que os capítulos de Gn 12–50 narram a, convencionalmente chamada, história patriarcal, a primeira parte (Gn 1–11) difere substancialmente das narrativas patriarcais, por apresentar a história num panorama universal, com elementos e temas próprios. Por isso é comumente identificada como uma “proto-história bíblica” ou “história primitiva” em relação à “história” propriamente dita, iniciada com Abraão (Abrão). É nesta primeira parte do livro do Gênesis que está inserido o texto de Gn 4,1–16.

---

<sup>1</sup> Correspondente a “Torah” hebraica.

O livro do Gênesis, quanto a sua estrutura, é visto tradicionalmente alicerçado pela presença da chamada fórmula dos *tôl<sup>e</sup>dôt* (תולדות). Esta fórmula encontra-se presente nos dois blocos, concede certa estrutura e unidade ao livro<sup>2</sup>. A palavra hebraica תולדות (*substantivo fp*) significa “gerações, genealogias, história”<sup>3</sup>. O significado do termo *tôl<sup>e</sup>dôt* não varia, comporta sempre o sentido de “o que nasceu de...” “o que foi gerado por”, isto é, o produto da geração. No entanto, possui dois usos em Gênesis<sup>4</sup>, sendo utilizado para introduzir uma genealogia<sup>5</sup> ou, por vezes, uma narrativa<sup>6</sup>.

A fórmula dos *tôl<sup>e</sup>dôt* aparece dez vezes no livro do Gênesis, mantendo uma coesão e marcando elementos importantes na dinâmica do livro. Pode ser encontrada de modo equilibrado e ajustado com o ponto de vista da história, pois aparece cinco vezes na proto-história e cinco vezes<sup>7</sup> na história patriarcal:

<b>Proto-história</b>	
Prólogo (Criação do céu e da terra)	Gn 1–2,3
As gerações do céu e da terra	Gn 2,4–4,26
As gerações de Adão	Gn 5,1–6,8
As gerações de Noé	Gn 6,9–9,29
As gerações dos filhos de Noé	Gn 10,1–11,9
As gerações de Sem	Gn 11,10–26
<b>História patriarcal</b>	
As gerações de Terá	Gn 11,27–25,11
As gerações de Ismael	Gn 25,12–18
As gerações de Isaac	Gn 25,19–35,29
As gerações de Esaú	Gn 36,1–37,1
As gerações de Jacó	Gn 37,2–50,26

<sup>2</sup> Cf. B. S. CHILDS, *Introduction to the Old Testament as Scripture*, Philadelphia, PA, 1974, p. 146.

<sup>3</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “תולדות”, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, São Paulo, Paulus, 1997, p. 699.

<sup>4</sup> Cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, São Paulo, Loyola, 2003, p. 35.

<sup>5</sup> Gn 5,1; 10,1; 11,10; 25,12; 36,1.

<sup>6</sup> Gn 2,4; 6,9; 11,27; 25,19; 37,2.

<sup>7</sup> Ou seis vezes contando também Gn 36,9, repetição de 36,1, a qual não será levada em conta neste trabalho (cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 35).

Outra perspectiva, no entanto, aponta um critério distinto, pelo qual a divisão de Gn 1–11 e do próprio livro se dá em antes do dilúvio e depois do dilúvio. Essa divisão atenta para a expressão אַחֲרֵי הַמַּבּוּל (“depois do dilúvio”)<sup>8</sup> que marca o dilúvio como um ponto referencial<sup>9</sup>. Nesta perspectiva, a primeira parte seria formada por Gn 1–9, e a segunda por Gn 10–50, sendo que Gn 10–11 funciona como uma “ponte”, servindo de transição entre uma parte e outra<sup>10</sup>. Mais especificamente passar-se-ia, progressivamente, da história do mundo (Gn 1,1–9,19) à história de Abraão (Gn 11,27–50), através de uma transição (Gn 9,20–11,26)<sup>11</sup>. De todo o modo, verifica-se que na forma final, o livro está disposto de modo harmônico e com um coerente fio condutor.

### 2.1.1. “Proto-história” e “história”

O conjunto de Gn 1–11 (levando em consideração a fórmula dos *tôl’dôt* como critério divisor) é comumente visto como uma “proto-história” e serve como uma introdução à “história” que se inicia com Abraão, o futuro pai do antigo Israel. Num movimento retroativo, a história de Israel é enraizada nos primórdios da humanidade alicerçando, nas origens do mundo, a convicção de fé de Israel que Yhwh, seu Deus, não é só um entre outros deuses, mas o único Deus verdadeiro, identificado como o Criador e provedor de todas as coisas.

Gn 1–11 coloca, assim, a experiência de Israel em sua relação com Yhwh num contexto mais amplo, no qual está englobada toda a criação. Apresenta sua experiência de fé na perspectiva e nos problemas da humanidade inteira<sup>12</sup>. Uma das características que definem Gn 1–11 como um conjunto próprio é sua linguagem abrangente e universal. Por isso é identificado como uma “história das origens”, entendendo-se com isso a interpretação dos fatos e situações humanas

<sup>8</sup> Cf. Gn 9,28; 10,1; 10,32; 11,10.

<sup>9</sup> Cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 37; J. C. GERTZ, *The Formation of the Primeval History*, in: C. A. EVANS et alli., *The Book of Genesis: Composition, Reception, and Interpretation*, Leiden–Boston, Brill, 2012, p. 107–109.

<sup>10</sup> Cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 37.

<sup>11</sup> Cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 37.

<sup>12</sup> Cf. G. BORGONOVO, *Torah e Storiografie dell’Antico Testamento*, Torino, Elledici, 2012, p. 102.

elementares narradas em chave simbólica, com personagens protótipos num tempo primordial<sup>13</sup>.

Sob o aspecto canônico, o conjunto de Gn 1–11 pode ser assim esquematizado<sup>14</sup>:

Gn 1,1–2,3	Criação do Universo: Prólogo
Gn 2,4–4,26	<i>(tôl<sup>e</sup>dôt do céu e da terra)</i>
Gn 2,4–25	A formação do homem e da mulher
Gn 3,1–24	Relato da transgressão do primeiro casal humano
Gn 4,1–16	Relato da transgressão de Caim, primeiro descendente do casal: violência fratricida
Gn 4,17–24	A descendência violenta de Caim
Gn 4,25–26	A família de Set, terceiro descendente do primeiro casal
Gn 5,1–32	<i>(tôl<sup>e</sup>dôt de Adão)</i> as gerações de Adão
Gn 6,1–4	Seres divinos, gigantes e semideuses
Gn 6,5–8	O Criador arrependido de sua obra
Gn 6,9–9,29	<i>(tôl<sup>e</sup>dôt de Noé)</i> o dilúvio
Gn 6,9–22	Anúncio de destruição e indicação sobre a construção de uma arca
Gn 7, 1–24	A preparação da arca e a chegada do dilúvio
Gn 8,1–19	O fim do dilúvio e a saída da arca
Gn 8,20–22	O sacrifício ofertado a Deus
Gn 9,1–7	A benção da “Nova Criação”
Gn 9,8–17	A aliança de Deus com Noé
Gn 9,18–29	A embriaguez de Noé e sua consequência
Gn 10,1–32:	<i>(tôl<sup>e</sup>dôt dos filhos de Noé)</i> A “tábua das nações”
Gn 11,1–9	A construção de Babel
Gn 11,10–26	<i>(tôl<sup>e</sup>dôt de Sem)</i> As gerações de Sem <sup>15</sup>

<sup>13</sup> Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, *Dov'è tuo Fratello? Pagine di Fraternità nel Libro della Genesi*, Brescia, Paideia, p. 28.

<sup>14</sup> A estrutura segue, com distinções, a apresentada por F. GIUNTOLI (*Genesi 1–11: Introduzione, Traduzione e Commento*, Milano, San Paolo, 2013, p. 10–11).

É preciso ter clara a noção de que a “proto-história” não significa “pré-história” da humanidade, seu intuito não está ligado a apresentar uma cronologia de fatos históricos, mas reveste-se de um caráter sapiencial e simbólico que intenta fazer um relato “teológico”<sup>16</sup> daquilo que é comum a toda a humanidade e que está na origem de tudo. Trata-se de relatar, em termos temporais a profundidade do ser, do “coração” humano em suas grandes relações que fundamentam e definem sua existência<sup>17</sup>.

Um dos traços mais característicos deste conjunto (Gn 1–11) é a presença de elementos míticos provenientes do Antigo Oriente Próximo, evidenciados pela presença de elementos semelhantes em obras dessa cultura como *Atrahasis*, *Gilgamesh*, *Enuma Elish* que, inclusive, comportam relatos de conflito fraterno<sup>18</sup>. Também o tempo é marcadamente um tempo mítico e é justamente o fim desse tempo, dando lugar ao tempo histórico que marca a passagem de Gn 11 a Gn 12<sup>19</sup>.

Gn 12 em diante, mostra o desenvolvimento da história do povo hebreu, iniciado com Abraão, em suas relações com Yhwh. Sob esse aspecto, um olhar mais abrangente faz perceber que a história de Israel, continua a ser apresentada nos livros que se seguem, iniciando em Gn 12 com Abraão, seguindo com os patriarcas (Gn), desenvolvendo-se, com Moisés, com o povo de Yhwh (Ex – Dt), e constituindo-se como nação de Yhwh (Js – 2Rs)<sup>20</sup>. O olhar canônico pode contemplar a história de Israel num horizonte amplo, desde suas origens até o exílio babilônico em 2Rs.

Essa história do povo de Israel em relação com seu Deus Yhwh, numa sequência canônica não significa assumir o “Eneateuco” (Gn – 2Rs) como uma unidade literária, a “História Principal” de Israel<sup>21</sup>. Embora haja interessantes

<sup>15</sup> Cf. F. GIUNTOLI (*Genesi 1–11*, p. 12–16) para um esquema estrutural detalhado de Gn 12–50.

<sup>16</sup> Cf. G. BORGONOVO, *Torah e Storiografie dell’Antico Testamento*, p. 102.

<sup>17</sup> Cf. P. GRELOT, *Le Origini dell’uomo: Genesi 1–11*, Gribaudi, Torino, 1981, p. 18.

<sup>18</sup> Cf. G. J. WENHAM, *Genesis 1–15*, v. 1, Waco–Texas, Word Books, 1987, p. XLVI–L; R. J. CLIFFORD – R. E. MURPHY, *Genesi*, in: Nuovo Grande Commentario Biblico, Brescia, Queriniana, 1997, p. 9–10.

<sup>19</sup> J. BLENKINSOPP, *Creazione, De-creazione, Nuova Creazione: Introduzione e Commento a Genesi 1–11*, Bologna, EDB, 2013, p. 14.

<sup>20</sup> J. MOKO, *Le mythe caïnite: une lecture de Genèse 4,1–26*, in: Théophilyon, 10.1, 2005, p. 185.

<sup>21</sup> Cf. D. N. FREEDMAN, *The Unit of the Hebrew Bible*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 1993, p. 1–39.

trabalhos sobre múltiplas proximidades temáticas e linguísticas entre Gn–2Rs<sup>22</sup>, nenhum estudo literário conseguiu ainda unir num conjunto orgânico todos os livros da “História Principal de Israel”<sup>23</sup>, por isso ela é utilizada de modo neutro e para obter um olhar mais abrangente do conjunto canônico.

### 2.1.2. Mito e história

A história de Israel não pode ser compreendida a partir do conceito moderno de história<sup>24</sup>, mas como um olhar sobre os acontecimentos a partir da perspectiva da fé em Yhwh, Deus de Israel. Trata-se de uma história “teologizada” que surge e desenvolve-se em Israel como um processo a partir de uma consciência de si próprio não somente como povo, mas como povo de Yhwh<sup>25</sup>. “Sua história é a história de seu encontro com Yhwh, e de sua resposta ao encontro”<sup>26</sup>.

O mito na literatura de Israel também não pode ser compreendido a partir do conceito de mito como relatos totalmente fantásticos usados para explicar uma realidade desconhecida, tendo em mente os mitos presentes em várias culturas, também presentes nas culturas em torno do Antigo Israel e que, possivelmente, lhe serviram de fonte para os textos de Gn 1–11. A diferença fundamental consiste em que, nestes textos bíblicos, há uma “historização” dos mitos, na qual se faz uso deles “desmitologizando-os” para expressar uma experiência concreta na história de Israel: a fé em Yhwh como Deus Único<sup>27</sup>. Assim sendo, distancia-se dos outros mitos a partir da noção de Yhwh como Deus que se dá a conhecer através da revelação que ele faz de si. A partir de um encontro existencial com Yhwh, o que se expressa não é mais a explicação de uma realidade desconhecida, mas aquilo que eles conheciam de Yhwh, um conhecimento que só poderia ser expressado de forma simbólica. Assim, o Antigo Israel utilizava-se do mito para expressar a

<sup>22</sup> Para uma explanação maior dos autores e estudos cf. P. G. CAMP, "David's Fall: Reading 2 Samuel 11–14 in Light of Genesis 2–4," in: *Restoration Quarterly* 53.3, 2011, p.149–158.

<sup>23</sup> Cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 19–23.

<sup>24</sup> J. BLENKINSOPP, *Creazione, De-creazione, Nuova Creazione: Introduzione e Commento a Genesi 1–11*, Bologna, EDB, 2013, p. 14.

<sup>25</sup> Cf. J. L. MCKENZIE, “História”, *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulus, 1984, p. 425.

<sup>26</sup> J. L. MCKENZIE, “História”, *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulus, 1984, p. 425.

<sup>27</sup> Cf. G. BORGONOVO, *Torah e Storiografie dell’Antico Testamento*, p. 268–273.

consciência que tinha de Yhwh e que não poderia encontrar outra linguagem apropriada, no entanto, rejeitando todos os elementos desses mitos que entravam em contraste com o Deus único que eles conheciam<sup>28</sup>.

Gn 1–11 serve como uma introdução à história de Israel, mostrando sua fé no Deus único, experimentado na própria história, projetando-o até as origens do mundo e apresentando-o em detrimento aos vários mitos, como criador de tudo e condutor dos acontecimentos de todo o universo desde o princípio. Sob esse aspecto pode-se perceber que a partir da fé israelita, não há grandes limites que distinguem o significado da “proto-história” e da “história” de Israel.

## 2.2.

### O lugar de Gn 4,1–16 na proto-história

Gn 4,1–16 está situado estruturalmente dentro da primeira fórmula *tôlê dôt* do livro de Gênesis, iniciada em Gn 2,4 e encerrando-se em Gn 4,26. Tradicionalmente Gn 2,4a foi visto como a conclusão do prólogo (Gn 1,1–2,3), sendo normalmente usado com o sentido de “como foram gerados (ou criados) o céu e a terra”. No entanto a fórmula em 2,4 tem o significado de “o que foi gerado do céu e da terra”<sup>29</sup>. Assim é menos provável que seja a conclusão do prólogo (a primeira narrativa da criação) servindo, antes, de introdução para o que segue<sup>30</sup>. O que o céu e a terra geram é o mundo descrito em Gn 2–4<sup>31</sup>.

A primeira *tôlê dôt* destaca-se das outras por ser a única que apresenta não o produto de uma geração humana, mas “do céu e da terra”. A atual genealogia de Adão marcada pela fórmula *tôlê dôt* própria inicia-se em Gn 5,1, no entanto, antes disso é oferecida uma espécie de antropologia teológica abaixo da *tôlê dôt* “do céu e da terra”<sup>32</sup>.

<sup>28</sup> Cf. J. L. MCKENZIE, “Mito”, Dicionário Bíblico, São Paulo, Paulus, 1984, p. 621–623.

<sup>29</sup> cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 35; M. H. WOULDSTRA, *The Toledot of the Book of Genesis and their Redemptive–Historical Significance*, in: Calvin Theological Journal, 5, 1970, p.184–89.

<sup>30</sup> Cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 36; E. PEELS, *The World’s First Murder: Violence and Justice in Genesis 4:1–16*, in: J. T. FITZGERALD et alii., *Animosity, the Bible, and Us: Some European, North American, and South African Perspectives*, Atlanta, Society of Biblical Literature, 2009, p. 21.

<sup>31</sup> Cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 36.

<sup>32</sup> Cf. E. PEELS, *The World’s First Murder*, p. 21.

É bastante provável que essa primeira fórmula tenha origem redacional, com o intuito de integrar Gn 2–4 às genealogias do Gênesis<sup>33</sup>. Gn 2–4 está entre a primeira narrativa da criação (Gn 1,1–2,3)<sup>34</sup> e as narrativas das gerações de Adão (Gn 5,1) e do desenvolvimento da humanidade nos capítulos seguintes. Seria perfeitamente possível extrair Gn 2–4 do local sem déficit para a coerência lógica entre o relato da criação em Gn 1,1–2,3 e a narrativa de Adão iniciada Gn 5,1. O inverso parece confirmar isso, pois a presença de Gn 2–4 no local parece criar mais tensões com o universo criado no relato precedente e a narrativa da geração de Adão que sucede.

### 2.2.1. Aspectos particulares de Gn 2–4

Há evidências de que Gn 2–4 constitua uma unidade editorial, com aspectos particulares e uma intenção própria<sup>35</sup>. Nesses capítulos os modelos relacionais básicos são descritos entre o homem, Deus, o semelhante e o solo, relações fundamentalmente conectadas de modo que a forma de relacionamento com um afeta consequentemente o outro<sup>36</sup>. O ser humano é formado a partir do solo pela ação de Deus que lhe dá forma e concede a vida através do sopro divino, o “semelhante” surge do próprio ser humano, como parte separada de si pela ação divina e lhe é dada como auxílio pelo próprio Deus.

Literariamente Gn 2–4 traz as grandes questões da humanidade referentes às raízes da vida e da morte, trabalho, sexualidade, violência, força e fraqueza, potencialidades e limites<sup>37</sup>. Seu conteúdo apresenta na primeira geração, depois da criação do homem (Gn 2), um abismo entre o homem e Deus (Gn 3), desdobrando-se na segunda geração como abismo entre o homem e seu semelhante (Gn 4):

<sup>33</sup> cf. J. L. SKA, *Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 36, nota 13.

<sup>34</sup> Gn 1 fala de “criação” do universo, não “geração”, como lembra J. L. SKA (*Introdução à Leitura do Pentateuco*, p. 36).

<sup>35</sup> Cf. E. PEELS, *The World's First Murder*, p. 21.

<sup>36</sup> Cf. E. PEELS, *The World's First Murder*, p. 21.

<sup>37</sup> Cf. E. PEELS, *The World's First Murder*, p. 21.

Gn 2	O ser humano gerado a partir do solo para “servir”
Gn 3	Primeira Transgressão
Gn 4,1–16	Segunda Transgressão
Gn 4,17–24	Desenvolvimento da sociedade e multiplicação da violência
Gn 4,25–26	Diferente da geração violenta, um novo ramo da humanidade surge, como uma geração que invoca Yhwh

Uma harmonia inicial é rompida por um limite ultrapassado, uma transgressão que desencadeia, como consequência, desarmonia da ordem inicial. Essa desarmonia ganha proporções maiores a cada geração, multiplicando os efeitos do ato transgressor, atualizado em cada geração que se segue.

Uma marca importante no conjunto Gn 2–4 é a presença de um “caminho alternativo” diante do mal e suas consequências. Esse caminho é entrevisto ao apresentar Deus como o executor da justiça, ao mesmo tempo que revela a distinção divina de uma “misericordiosa consolação”. Ao narrar a sentença punitiva divina (consequência/punição), é narrado, conjuntamente, uma marca de “consolação” divina: O primeiro casal transgressor é vestido com túnicas de pele (Gn 3,21); Caim é marcado com um sinal de proteção (Gn 4,15). Esse caminho alternativo também é mostrado ao apresentar, em meio à descendência de crescente violência do primogênito de Adão e Eva, Caim (Gn 4,17–24), um novo rebento que surge do primeiro casal, Set, capaz de invocar o nome, e o auxílio divino (Gn 4,26).

Outro aspecto do bloco Gn 2–4 é que este parece ter sido construído sobre uma congruência numérica fundamentalmente centrada no número sete e múltiplos de sete<sup>38</sup>. Os nomes divinos (“Yhwh, Yhwh–Elohim, Elohim”) ocorrem 35x (5x7)<sup>39</sup>; o nome de Caim, 14x (2x7); solo ( אָדָם ), 14x (2x7); ser humano ( אָדָם )<sup>40</sup>, 21x (3x7)<sup>41</sup>; Abel, 7x. A isso se pode somar a palavra “irmão”, 8x<sup>42</sup>; O nome “Set” ( שֵׁט ), as “sete” gerações de Caim (Gn 4,17–24) e as enfáticas

<sup>38</sup> Cf. K. A. MATHEWS, *Genesis 1–11*, v. 1A, Nashville, Broadman & Holman, 1996, p. 262.

<sup>39</sup> O mesmo número de vezes que aparece em Gn 1,1–2,3, sendo que a septuagésima vez (10x7) ocorre em 4,26, onde se relata que o nome de Yhwh passou a ser invocado (cf. K. A. MATHEWS, *Genesis 1–11*, p. 262).

<sup>40</sup> Com presença do artigo, “ser humano/homem” ( אָדָם ). Sem o artigo, “Adão” ( אָדָם ) ocorre mais 5x.

<sup>41</sup> Somando “ser humano” e “solo”, matéria de que fora formado, ( אָדָם + אָדָם ) aparece 35x (5x7), o mesmo número de vezes dos nomes divinos.

<sup>42</sup> 7x referido a “Abel” ( אָבֶל ) + 1x referido a “Jubal” ( יוּבָל ).

expressões “sete vezes” (שִׁבְעַתַּיִם), ocorrendo 2x (Gn 4,15.24a) e “setenta vezes sete” (שִׁבְעֵים וְשִׁבְעָה) em Gn 4,24b.

## 2.2.2.

### O paralelismo de Gn 3,1–24 e Gn 4,1–16

Um destaque especial deve-se dar pela proximidade entre o que é relatado em Gn 3,1–24 (Gn 3, por praticidade) e o relato de Gn 4,1–16, objeto deste trabalho. A narrativa de Gn 3 está unida de tal forma com 4,1–16 que devem ser lidas não somente em sequência mas lado a lado<sup>43</sup>, Gn 4,1–16 em parceria com Gn 3<sup>44</sup>. Ambas apresentam-se intrinsecamente voltadas uma à outra<sup>45</sup>, sendo Gn 3 os alicerces de Gn 4,1–16 e este o desdobramento daquele, numa espécie de causa-efeito<sup>46</sup>. O que se originou no casal em relação a Yhwh ganha forma e força em seus primeiros descendentes. Tanto em Gn 3 quanto em Gn 4,1–16 pode-se perceber uma advertência divina não ouvida por parte do ser humano, uma transgressão humana, uma punição divina para a transgressão, um abrandamento da pena, acompanhada de sua execução. O paralelo entre os textos mostra esta expressiva proximidade<sup>47</sup>:

Gn 3, 1–24	Gn 4,1–16
<b>Diálogo sobre o limite</b> (v.1–5)	<b>Fala de Yhwh sobre o limite</b> (v.6–7)
A serpente fala do limite dado por Yhwh–Elohim à mulher induzindo-a à transgressão.	YHWH fala do “pecado” como um animal agachado com um impulso de transgressão que Caim deve manter sob domínio.
A serpente reveste o mal (transgressão) de bem (existência sem limites) para induzir	Yhwh denuncia o mal que “espreita” Caim (transgressão) e exorta Caim a agir

<sup>43</sup> Cf. C. WESTERMANN, *Genesis 1–11*, Minneapolis, Fortress, 1994, p. 432.

<sup>44</sup> Cf. K. A. MATHEWS, *Genesis 1–11*, p. 263.

<sup>45</sup> Cf. E. PEELS, *The World's First Murder*, p. 21.

<sup>46</sup> Cf. K. A. MATHEWS, *Genesis 1–11*, p. 263.

<sup>47</sup> Esta panilha segue, com distinções, à de Pierre Auffret apresentada por A. WÉNIN (*D'Adam à Abraham ou les Errances de l'Humain*, Paris, Du Cerf, 2007, p. 135).

Eva a cometê-lo .	bem (existência com limites).
<b>Narrativa:</b> Transgressão (v.6–7)	<b>Narrativa:</b> Transgressão (v.8)
<b>Diálogo com Yhwh–Elohim sobre a transgressão</b> (v.8–13)	<b>Diálogo com Yhwh sobre a transgressão</b> (v.9–10)
<b>A:</b> O casal ouve o som (קול) dos passos de Yhwh–Elohim no jardim e se escondem.	<b>B’:</b> 1. “Onde está Abel, teu irmão?” 2. Recusa da responsabilidade 3. “Que fizeste?”
<b>B:</b> 1. “Onde estás?” 2. Recusa da responsabilidade 3. “Que fizeste?”	<b>A’:</b> Yhwh ouve o som (קול) do sangue de Abel clamando do solo e se faz presente.
<b>Sentença para o ser humano</b> (v.17–19)	<b>Sentença para Caim</b> (v.11–12)
“por causa de ti, maldito é o solo...” (מְנוּנִי (אָרְוֶרָה הָאֲדָמָה) (trabalho duro, baixa produtividade)	“Maldito és tu por causa do solo...” (אָרְוֶר אָתָּה מִן־הָאֲדָמָה) (trabalho estéril e errância)
<b>Sinal de consolação divina</b> (v.21–22)	<b>Sinal de consolação divina</b> (v.11–15)
Continuidade da vida: mulher como mãe de todos os viventes.  Yhwh–Elohim protege os humanos (vestindo-os com túnicas de pele).	Caim teme a morte: “Se me expulsas (שָׁרַף)...”.  Yhwh protege Caim (marcando-o com um sinal).
<b>Execução da punição</b> (v.22–24)	<b>Execução da punição</b> (v.16)
Yhwh–Elohim expulsa (שָׁרַף) o ser humano do jardim para que trabalhe o solo.  Ao leste/oriente (קִדְמָה) do jardim de Éden	Caim se afasta de Yhwh e do solo para terras errantes (Nod).  Ao leste/oriente (קִדְמָה) de Éden.

### 2.3. Gn 4,1–16 na história de Israel

Como dito acima, a história narrada no livro de Gênesis introduz a história de Israel que pode ser acompanhada até 2Rs. A análise feita a respeito dos conceitos de “mito” e “história” relacionados à proto-história e à história de Israel permitiu perceber que mesmo que haja evidente distinção entre os primeiros capítulos de Gênesis e o restante da história de Israel, eles não estão distantes dela, pois foram formulados “a partir dela”.

Soma-se a isso a importância desses primeiros capítulos e de todo o livro como paradigmas para o que se segue nos escritos bíblicos, percebe-se que um estudo de Gn 4,1–16, não deve abrir mão de lançar um olhar mais abrangente, buscando identificar seus traços no amplo horizonte da “história de Israel”, de onde tirou sua seiva<sup>48</sup>.

Um traço que sobressai à vista no texto de Gn 4,1–16, sem necessidade de grandes análises, é a relação fraterna marcada pela violência. Na narrativa de Gn 4, 1–16, é mostrada a história de dois irmãos: Caim e Abel. Caim é o primogênito e sua profissão está relacionada com a agricultura, é um “lavrador do solo”. Abel é o filho mais novo e tem por profissão o pastoreio. É “pastor de ovelhas (gado miúdo)”. Yhwh representa a autoridade no relato. Ao ofertar a Yhwh os frutos de seus ofícios, os irmãos têm diferentes acolhidas por parte de Yhwh, que preferiu Abel e sua oferta em detrimento a Caim e a sua, sendo o favor de Yhwh a Abel, limitado a Caim. Isso desencadeia um conflito. Caim sente-se rejeitado por Yhwh e isso provoca um misto de sentimentos no interior de Caim um misto de raiva, tristeza e frustração que o deixa abatido e tentado a fazer o mal contra o irmão, sendo alertado por Yhwh para dominar sobre esses pensamentos, essa atitude interior. A resolução do conflito se dá com a separação física entre os irmãos mediante a um ato de violência extrema de Caim contra Abel, que é assassinado num ato fratricida por Caim.

Pois bem, um olhar para o horizonte da história de Israel, explanado literariamente nas narrativas que a compõem e dispostas canonicamente, faz perceber que, Gn 4,1–16 não se constitui como o único texto a relatar uma fraternidade em violento conflito; esta temática está presente também na história

---

<sup>48</sup> J. MOKO, *Le mythe caïnite: une lecture de Genèse 4,1–26*, in: Théophilyon, 10.1, 2005, p. 185.

de Esaú e Jacó (cf. Gn 25–33), de José e seus irmãos (cf. Gn 37), de Abimelec e os 70 irmãos (cf. Jz 9) e também no relato de Amnon e Absalão (cf. 2Sm 13–14). Alguns aspectos dessas narrativas podem ser apontados sob a ótica do conflito e da violência fraterna, que possibilita perceber uma proximidade entre elas, e delas com o texto de Gn 4,1–16 que será aprofundado neste trabalho. Antes de dar seguimento com capítulo exegético do texto propriamente dito, vale a pena atentar para aspectos interessantes dessas outras narrativas de conflito fraterno na história de Israel, textos que podem ter servido para Gn 4,1–16, como raiz e seiva.

### **2.3.1. Esaú e Jacó (Gn 25–33)**

O relato de Gn 25–33 apresenta dois irmãos que já lutavam entre si desde o ventre materno (cf. Gn 25,23). Apesar de serem gerados simultaneamente, Esaú nasce por primeiro segundo a narrativa. O primogênito tornou-se caçador e percorria as estepes, enquanto Jacó, o mais novo, é descrito como homem tranquilo morando sob tendas. Enquanto o pai, Isaac, preferia o filho mais velho, pelo gosto que tinha pelas caças trazidas por Esaú, o relato apresenta Jacó como portador das preferências maternas.

A autoridade do relato é representada pelo pai, Isaac, portador da bênção que deveria ser conferida ao primogênito por direito, e através da qual era conferido a este a autoridade de governar sobre todos os irmãos (cf. Gn 27,37). Jacó, no entanto, de forma ardilosa negocia o direito de primogenitura com Esaú. Aproveitando-se da fome do irmão obtém esse direito trocando-o com Esaú por um cozido de lentilhas (Gn 25,29–34). Tendo adquirido do irmão o direito, Jacó engana Isaac com o auxílio da proteção materna (cf. Gn 27,11–17) e obtém do pai, em sua velhice e cegueira, a bênção da primogenitura, que deveria estar destinada a Esaú, deixando este sem recebê-la (Gn 27,27–29). Esaú reclama a bênção do pai. Sendo que esta não poderia ser revogada, ouve de seu pai outra bênção, a qual afirma que Esaú habitará longe da terra fértil, vivendo pela espada e servindo o irmão (cf. Gn 27,38–40). Como consequência, Esaú passa a odiar Jacó e intenta matá-lo como forma de vingar-se dele (cf. Gn 27,41–42).

A resolução pensada por Esaú no relato consiste, assim, num ato violento, a morte de Jacó. Diante da ameaça de morte, e para que isso não aconteça, há uma separação física entre os irmãos. Para não ser morto por Esaú, Jacó afasta-se das terras de Bersabéia, e aconselhado pela mãe, parte para Harã, indo habitar junto ao seu tio Labão, até passar a ira de Esaú (cf. Gn 28,43–45). Vê-se neste relato, um desfecho alternativo ao do Gn 4,1–16, sendo preservada a vida do irmão com a distância física entre eles e que ao final é relatado uma reconciliação fundamentada no perdão (cf. Gn 33, 1–11).

### **2.3.2. José e seus irmãos (Gn 37)**

O relato apresenta José em conjunto com vários irmãos, todos pastores. José era filho mais novo de Jacó (renomeado Israel), gerado em sua velhice (cf. Gn 37,3). Israel representa a autoridade no relato. Por ser o mais novo, José era o mais amado por Israel, e por isso favorecido. Israel lhe deu uma túnica adornada como presente (cf. Gn 37,3). Os irmãos de José viram neste presente o sinal do amor e da preferência paterna por José, e sentiram ciúme e ódio por ele, tanto que eram incapazes de lhe falar amigavelmente (cf. Gn 37,4). Soma-se a isso os sonhos que José tivera nos quais ele exerceria domínio governando como senhor sobre os de sua casa (cf. Gn 37,5–10). Isso fez que os irmãos o odiassem mais e ficassem ainda mais enciumados (cf. Gn 37,11), tanto que, ao vê-lo se aproximar deles no campo, tramaram sua morte (cf. Gn 37,18–20).

A resolução se dá pelo afastamento físico de José e os irmãos. Apesar de intentar matá-lo, lançaram-se contra ele, despiram-no da túnica que ganhara do pai e jogaram-no numa cisterna sem água (cf. Gn 37,23–24). Mais tarde, venderam-no como escravo aos ismaelitas de uma caravana que passava e José foi conduzido ao Egito (cf. Gn 37,28).

À ação violenta dos irmãos de José soma-se a ação de manchar a túnica adornada, sinal do amor do pai por José, com sangue de bode e entregá-la ao pai dizendo que José estava morto, tendo sido devorado por um animal feroz (cf. Gn 37,31–33). O desfecho deste difere de Gn 4, 1–16, apesar das semelhanças, por narrar uma reconciliação de José com os irmãos fundamentada no perdão (Gn 45

### **2.3.3. Abimelec e os 70 irmãos (Jz 9)**

Nesta história Abimelec é filho de Jerobaal com uma mulher de Siquém (cf. Jz 9,1). Por parte de Jerobaal, Abimelec possui mais 70 irmãos (cf. Jz 9,1–2). Os senhores de Siquém representam a autoridade no relato. Abimelec deseja a realeza e induz os parentes de sua mãe a falar com os senhores de Siquém, que detinham a autoridade sobre a cidade, para que escolham um rei entre os filhos de Jerobaal. Abimelec ressalta o fato de que ele também era da mesma carne que eles, demonstrando a pretensão de se tornar rei (cf. Jz 9,1–2). Os senhores de Siquém escolhem Abimelec como rei (cf. Jz 9,3). Tendo alcançado sua pretensão, Abimelec com o dinheiro recebido dos senhores, contrata aventureiros para matarem seus 70 irmãos (cf. Jz 9,4). A separação física entre Abimelec e seus 70 irmãos se dá por meio de uma extrema violência fratricida e com a fuga do irmão mais novo (cf. Jz 9,5). Abimelec é o responsável pelo assassinato de quase todos os seus irmãos, restando apenas Joatão que se esconde e consegue fugir da chacina (cf. Jz 9,5.21). Joatão apresenta um discurso aos senhores de Siquém colocando o destino de Abimelec nas mãos de Deus para fazer justiça de acordo com a boa ou má fé de Abimelec (Jz 9,7–21). Abimelec é assassinado e a narrativa apresenta este fato como realização divina da “maldição” de Joatão (cf. Jz 9, 50–57).

### **2.3.4. Amnon e Absalão (2Sm 13–14)**

Amnon é o filho primogênito de Davi com Aquinoam (cf. 2Sm 3,2). Absalão é o terceiro filho de Davi, sua mãe é Maaca (cf. 2Sm 3,3)<sup>49</sup>. Tamar, uma jovem bela e virgem, é irmã de Absalão e meia irmã de Amnon (cf. 2Sm 13,1–2). Amnon desejava ardentemente Tamar, a ponto de ficar abatido (cf. 2Sm 13,1.4) mas, devido à virgindade de Tamar, sentia-se impossibilitado de satisfazer seus desejos (cf. 2Sm 13,2). A autoridade do relato é representada pela virtude de

---

<sup>49</sup> O segundo filho é Queleab, cuja mãe é Abigail (cf. 2Sm 3,3a)

Tamar, que impede Amnon de ter acesso ao “bem” que seria possuí-la (cf. 2Sm 13,2).

Amnon finge estar doente e, atraindo Tamar para seu quarto, (cf. 2Sm 13,6) a domina com violência, violentando-a (cf. 2Sm 13,14). Em seguida, cheio de ira e aversão, a expulsa do quarto (cf. 2Sm 13,15). Tamar vai em angústia para a casa de seu irmão Absalão (2Sm 13,19–20) que se encheu de ódio contra Amnon e não mais dirigiu-lhe a palavra (2Sm 13,22).

Passados dois anos (cf. 2Sm 13,23), Absalão prepara uma emboscada para Amnon e ordena matá-lo (cf. 2Sm 13,27–29). Em seguida foge da ira de seu pai Davi (cf. 2Sm 13,34.38–39).

### **2.3.5. Considerações**

A respeito dos relatos apresentados, não se busca um paralelismo pleno, mas a “seiva” que pode ter servido de “canal comunicativo” entre os relatos e Gn 4,1–16. Assim, percebem-se algumas proximidades que indicam aspectos relacionados e, ao mesmo tempo, alguns aspectos que os distinguem, apresentando, por exemplo, diferentes desfechos sobre um tema comum.

Isso levado em conta pode-se ver os outros relatos de conflito fraterno de Gn–2Rs em harmonia com Gn 4,1–16, servindo como auxílio para compreender melhor a dinâmica de Gn 4,1–16. Este, em seu desenvolvimento narrativo, apresenta a possibilidade de um desfecho diferente, tendo tal desfecho a partir de uma escolha de Caim colocada em prática: o assassinato do irmão. Parece mostrar a história que se constrói a partir das orientações divinas, mas que se concretiza nas livres opções humanas diante do agir bem ou mal, como ficará mais claro no desenvolvimento do trabalho subsequente.